



## IMPLICAÇÕES MIDIÁTICAS E ACADÊMICAS NOS MODOS DE APROPRIAÇÃO DO PENSAMENTO DE GILLES DELEUZE E FÉLIX GUATTARI PARA O DEBATE EM EDUCAÇÃO NO BRASIL<sup>1</sup>

MEDIA AND ACADEMIC IMPLICATIONS TO MODES OF APPROPRIATION OF THE THOUGHT OF GILLES DELEUZE AND FÉLIX GUATTARI ON EDUCATION IN BRAZIL

IMPLICACIONES DE LOS MEDIOS DE COMUNICACIÓN Y EL MUNDO ACADÉMICO EN LA APROPRIACIÓN DEL PENSAMIENTO DE GILLES DELEUZE E FÉLIX GUATTARI EN EL DEBATE SOBRE LA EDUCACIÓN EN BRASIL

*Christian Fernando Ribeiro Guimarães Vinci<sup>2</sup>*  
*Cintya Regina Ribeiro<sup>3</sup>*

**RESUMO:** O presente estudo visa traçar modos de difusão e apropriação do pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari no Brasil, a fim de apreender as implicações no campo educacional brasileiro. Metodologicamente, o estudo traça as condições de emergência dessas formas de apropriação, tomando o vetor midiático jornal *Folha de S.Paulo* como estratégico eixo de investigação. Em seguida, analisa de que modo o trabalho conjunto dos pensadores franceses, fundamentado em uma política de escrita, modula as formas de experimentação com seu pensamento. Como resultado, a pesquisa aponta que o campo educacional recusa uma polarização entre formas ascéticas e exegéticas, buscando construir um campo de experimentação situado entre ambas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gilles Deleuze. Pensamento. Filosofia e Educação.

**ABSTRACT:** This study aims to trace modes of dissemination and appropriation of the thought of Gilles Deleuze and Félix Guattari in Brazil, in order to grasp the implications on the Brazilian educational field. Methodologically, the study outlines the conditions of emergence of these forms of appropriation, taking the media *Folha de S.Paulo* as a strategic axis of research. Furthermore, we analyze how these French thinkers work based on the politics of writing, how it modulates forms of experimentation. As a result, the research shows that the educational field declines a polarization between ascetic and exegetical forms, seeking to build a field of experimentation situated between both.

**KEYWORDS:** Gilles Deleuze. Thought. Philosophy and Education.

**RESUMEN:** Este estudio tiene como objetivo trazar modos de difusión y apropiación del pensamiento de Gilles Deleuze y Félix Guattari en Brasil, con el fin de comprender las implicaciones de la esfera de la educación brasileña. Metodológicamente, el estudio se describe las condiciones de aparición de estas formas de propiedad, teniendo los medios de comunicación vector *Folha de S.Paulo* como una zona estratégica de la investigación. Luego analiza que todos los pensadores franceses trabajan, sobre la base de una política por escrito por lo modula las formas de experimentación con su pensamiento. Como resultado, la *investigación* muestra que el campo de la educación disminuye la polarización entre las formas ascéticas y exegéticas, tratando de construir un campo de experimentación situado entre ambos.

**PALABRAS CLAVE:** Gilles Deleuze. Pensamiento. Filosofía y Educación.

<sup>1</sup> Esse artigo é uma versão modificada e ampliada do trabalho “Entre ascese e a exegese: apropriações e experimentações com o pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari”, apresentado no 11º Encontro de Pesquisa e Educação da Região Sudeste, em 2014.

<sup>2</sup> Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP) – São Paulo, SP – Brasil – E-mail: christian.vinci@usp.br.

<sup>3</sup> Mestre e doutora em Educação, docente junto à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP) – São Paulo, SP – Brasil – E-mail: [cintyaribeiro@usp.br](mailto:cintyaribeiro@usp.br)

**Recebido em:** 29/10/2014 - **Aceito:** 09/03/2015

## 1 INTRODUÇÃO

Há muito que o dispositivo conceitual elaborado pela dupla Gilles Deleuze e Félix Guattari tem sido utilizado em nosso país, ainda que de maneira pouco usual e distante do conjunto de regras tão caro ao denominado rigor científico. O pensamento deleuze-guattariano foi apropriado por nossos quadros intelectuais em meados da década de 1970, tendo inspirado grupos artísticos, movimentos políticos, programas clínicos etc. Essas formas de apropriação, ocorridas em sua maioria longe dos muros universitários, não estiveram restritas ao nosso país; pelo contrário, apenas reverberam outras formas de *apropriação menor* que tomaram corpo alhures (GUALANDI, 2003). Podemos inferir que tais apropriações se caracterizaram por uma recusa em tomar a filosofia elaborada pelos autores franceses como um modelo de pensamento voltado à reflexão. Diferentemente, os autores de *Mil Platôs* foram considerados como uma ferramenta potente para criação de um pensamento outro. A reflexão, dessa maneira, cedia espaço para a experimentação.

Ao adentrar nas academias brasileiras, na alvorada da década de 1990, o pensamento de Deleuze e Guattari prestou-se a uma leitura de ordem mais reflexiva. Emerge a publicação das primeiras obras de comentários sobre o sistema filosófico elaborado pela dupla de autores franceses. Tais esforços intelectuais inaugurais visaram não à produção de uma ferramenta, de outra maneira de pensar, tendo por auxílio o dispositivo conceitual deleuze-guattariano, mas ao comentário pormenorizado e exaustivo deste último.

Os movimentos supracitados apontam para a existência de duas formas de apropriação paradigmáticas, cujos efeitos em nosso país podem ser sentidos ainda hoje, a saber: a ascética e a exegética. A exegese constitui-se como um modo de apropriação fundamentalmente expresso sob a forma de comentário, privilegiando o cuidado no trabalho de interpretação, de significação, de elucidação de uma obra. Diferentemente, a ascese remete a uma condição pragmática pautada em uma observância disciplinar, no exercício de determinadas ações cujos efeitos implicam, no limite, a criação de um modo de viver/existir<sup>4</sup>. Compreender essas diferentes relações estabelecidas com o aparato conceitual deleuze-guattariano, assim como seus efeitos sobre o campo educacional, será um dos objetivos deste artigo.

Justificamos nosso intento tendo em vista a miríade considerável de trabalhos produzidos no campo educacional, que busca aliar certos temas caros ao campo com o aparato conceitual elaborado pelos autores de *O que é a Filosofia?* Essa produção marca aquilo que denominamos de acontecimento Deleuze-Guattari nas pesquisas da área – trata-se de um

---

<sup>4</sup> O conceito clássico de ascese remete a um conjunto de práticas e exercícios, marcados por um caráter austero, que visam propiciar ao praticante um autocontrole de seu corpo e sua mente. Contudo, tomamos aqui a concepção atravessada pelo pensamento deleuze-guattariano, tal como propõe Badiou. De acordo com o autor, a ascese em Deleuze está atrelada a uma espécie de pensamento-vida, uma maneira de ultrapassarmos os limites dos modos de vida por meio de um devir do pensar, uma abertura aos agenciamentos intensivos capazes de modificar o modo pelo qual pensamos e, por conseguinte, agimos (BADIOU, 2000).

movimento disruptivo no interior dos estudos educacionais denominados pós-críticos, em defesa da necessidade de operar uma guinada para o *pensamento da diferença* de Deleuze-Guattari como forma de escapar da relativa estagnação na qual supostamente se encontravam as pesquisas da área (PARAÍSO, 2014; GANDIN et al., 2002).

Operando por meio de um elemento esotérico<sup>5</sup>, essa produção tem buscado lançar imperativos derivados de uma longa discussão do aporte teórico desenvolvido por Deleuze e Guattari e que, longe de se esgotarem em discursos panfletários, têm rendido propostas concretas. Poder-se-ia argumentar que estamos diante de um suposto caráter inventivo da produção educacional deleuze-guattariana, distante dos estudos acadêmicos produzidos em outros campos de saber – como na filosofia, por exemplo – seguindo modos de apropriação do pensamento de Deleuze e Guattari observados fora dos muros universitários.

Considerando o cenário de apropriações exegéticas e ascéticas, o presente estudo busca explorar três frentes: a) traçar as condições de emergência dessas duas formas de apropriação do pensamento deleuze-guattariano no Brasil, tendo como eixo um vetor midiático; b) apreender em que medida o modo de trabalho conjunto dos parceiros Deleuze e Guattari modulam as formas de experimentação com seu pensamento; c) apontar algumas dessas modulações no âmbito da pesquisa educacional.

## 2 CONDIÇÕES DE EMERGÊNCIA DO PENSAMENTO DE DELEUZE E GUATTARI NO BRASIL: O VETOR MIDIÁTICO

Deleuze jamais esteve em nosso país, diferente de seu parceiro, Guattari, que nos visitou sete vezes, sendo a primeira em 1979 e a última no ano de seu falecimento, em 1992. Em sua maioria, as visitas do psicanalista francês marcavam a agenda de suas publicações. O primeiro livro de Guattari traduzido entre nós foi também aquele que inaugurou sua parceria com Deleuze: *O Anti-Édipo*, publicado em 1976 pela *Imago*. Tal publicação, salientamos, deve muito às visitas de Michel Foucault. Conforme aponta Rodrigues (2011), as conferências proferidas por Foucault possibilitaram a criação das condições para que os pesquisadores ligados às ciências humanas e “psi” pudessem elaborar uma reviravolta em seus trabalhos, abrindo caminho para a assimilação de um pensamento como aquele erigido por Deleuze e Guattari.

Nesse contexto, o jornal *Folha de S.Paulo* destaca-se como estratégico vetor midiático no sentido de fomentar a circulação desse pensamento francês, produzindo fecundas implicações nos modos de apropriação de tal aporte filosófico em nosso país. O periódico dedicou uma resenha ao livro *O Anti-Édipo* no ano mesmo de sua publicação. Assinada pelo psicanalista Nogueira Moutinho e intitulada “O Anti-Édipo ou o fim da psicanálise”, tal

---

<sup>5</sup> O caráter esotérico dos conceitos deleuze-guattarianos apropriados pelos autores do campo educacional estaria atrelado a um hermetismo próprio ao aporte teórico-conceitual elaborado pelos autores franceses, à dificuldade de compreendê-los e interpretá-los, bem como à multiplicidade de leituras que comportam. Para uma discussão mais aprofundada, remetemos o leitor à obra de Ramey (2012).

resenha apontava a obra da dupla Deleuze-Guattari como de fundamental importância para compreensão dos movimentos críticos que tomaram corpo no seio da ciência psicanalítica tupiniquim dos últimos anos. Nos cinco anos subsequentes, a expressão “Anti-Édipo” voltaria a figurar outras cinco vezes, em colunas diversas do jornal, as quais também dialogavam com as lutas empreendidas por diferentes grupos sociais.

Poder-se-ia explicar tal popularidade graças ao impacto da esquizoanálise no interior de nossos quadros clínicos, tal como o fez Dosse (2010). O autor chega a afirmar que o Brasil seria o único país no qual a esquizoanálise teria de fato se consolidado, chegando a ser assimilada, inclusive, nos meios acadêmicos. Tal fenômeno deve ser atribuído ao

fato de que a sociedade miscigenada, fundamentalmente híbrida e mestiça como é a sociedade brasileira, talvez se preste mais do que as outras a essa labilidade da construção subjetiva, aos seus devires múltiplos e a uma subjetividade fundamentalmente heterogênea. (DOSSE, 2010, p. 396.)

Alliez (1996), em outro diapasão, aponta também a importância da esquizoanálise para os quadros clínicos brasileiros. Nesse sentido, destacamos a incrível marca de citação atingida por esses autores no periódico *Folha de S. Paulo*, como exemplo da popularidade alcançada por Deleuze e Guattari. Ao longo de 20 anos, entre 1976 e 1996<sup>6</sup>, os nomes dos pensadores estiveram estampados em 66 páginas, em um total de 56 reportagens publicadas em diversos cadernos, sobretudo aqueles dedicados à cultura e às ciências humanas (*Folhetim, Letras e Mais!*). Esse universo é composto por: 19 resenhas; 20 colunas que tratam de assuntos diversos, sete entrevistas, das quais apenas uma remete a Deleuze; por fim, dez traduções exclusivas de textos, sendo oito de Guattari e duas de Deleuze. Muitas dessas produções se mantêm únicas entre nós.

Há um elemento importante manifesto nas colunas das décadas de 1970 e 1980: a discussão teórico-conceitual do pensamento de Deleuze e Guattari é secundarizada em prol de certo caráter “militante” constitutivo de sua filosofia. Essa bipartição, que reporta à distinção entre teoria e prática, vigorará nas páginas do jornal até meados da década de 1980, exaltando-se ora um aspecto, ora outro. A faceta militante presente na obra de Deleuze-Guattari não se refere a um militantismo ou pragmatismo político no sentido usual, mas à exigência de uma mudança que transpassa a própria maneira de pensar as práticas institucionais. No caso da psicanálise, busca-se não mais a racionalização sobre o domínio irracional, mas a libertação dos fluxos capazes de fomentar novas subjetividades. Justifica-se assim a alcunha de “psicanalista militante” concedida a Guattari pelo periódico entre os anos de 1976 a 1985.

Na década de 1980, Guattari gradualmente deixa de ser o psicanalista militante para se tornar o filósofo defensor de uma mídia livre, delineando a ideia de uma era pós-midiática.

<sup>6</sup> Respectivamente, datas referentes à tradução de *O Anti-Édipo* e ao ano de realização do *Colóquio Internacional Gilles Deleuze* em nosso país, evento este patrocinado pelo jornal em questão, contando com a presença de pensadores como Michael Hardt, Giorgio Agamben e outros tantos.

Trata-se agora de fomentar uma “nova subjetividade jornalística”, ou a criação de uma relação mais ativa entre a notícia e o leitor – vide o texto “Impasse pós-moderno e transição pós-mídia”, de autoria do próprio Guattari, renunciando a era dos *blogs*. Esse pensamento entusiasta de uma mídia livre e capaz de convocar o leitor conduz o periódico a uma relação de proximidade com o psicanalista francês, o qual passa a figurar até mesmo em colunas sociais. O ápice de tal relação ocorre em 1982, ano em que é publicada uma resenha da *Mille Plateaux*, por Pepe Escobar, com a seguinte chamada: “As mil planícies de Guattari”. Chama a atenção a sumária exclusão do nome de Deleuze tanto no título da matéria quanto no desenvolvimento do texto.

Longe desse suposto pragmatismo, encontra-se o nome de Deleuze, relegado a um papel secundário. Na década de 1970, o nome do filósofo francês aparecerá apenas em pequenos textos, em uma espécie de citação fortuita. Somente em 1980 haverá o recrudescimento de seu estatuto de filósofo, dada sua forte presença como comentarista. Graças aos lançamentos no país de algumas de suas obras monográficas sobre Nietzsche, Proust, Masoch e Bergson, bem como de seu estudo sobre Foucault, na França, o periódico *Folha de S.Paulo* passa a conceder um maior espaço em suas páginas ao nome do pensador. Data desse período o início das traduções publicadas pelo jornal de alguns de seus textos – *Abstração Lírica*, em 1984, abre esse ciclo que culminará na tradução de *O Ato de Criação*, em 1999.

Em 1986 percebemos um momento de guinada jornalística, ocorrendo uma mudança na abordagem em relação ao pensamento de ambos os pensadores, até então representados como parceiros eventuais, cujas obras individuais divergiam sobremaneira. Em um primeiro momento, o caráter bipartido da obra dos autores parece deixar de vigorar, uma vez que nas resenhas publicadas o jornal optará por escritos que não privilegiariam um aspecto de militância em detrimento do debate conceitual – caso da abordagem de Marilena Chauí sobre o livro *Cartografias do Desejo* em 1986, parceria de Félix Guattari com Suely Rolnik.

Em meados da década de 1980 processa-se um movimento inverso: o favorecimento do nome de Deleuze em detrimento do de Guattari. Tal mudança ocorre em paralelo com o surgimento no país dos primeiros livros de comentaristas da obra deleuzeana, também retratados nas páginas do periódico. A obra de Roberto Machado, *Deleuze e a filosofia*, publicada em 1990, contou com um espaço privilegiado de comentários no caderno *Letras*. Assim, o militante Félix Guattari perde lugar para o pensador Gilles Deleuze, de maneira que, em 1992 – ano da morte do psicanalista e da tradução de *O que é filosofia?* – inverte-se a equação: agora, o nome sumariamente excluído da chamada da resenha seria o de Guattari: “Deleuze define o que é filosofia”.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Tal resenha, escrita por Scarlett Marton, em nenhum momento exclui o nome de Guattari, apontando-o sempre como coautor. Portanto, essa exclusão evidenciada no título do texto parece ter sido uma opção do próprio jornal, talvez por buscar privilegiar na mesma página outro lançamento de Deleuze entre nós: *A Dobra*.

Um último movimento é expresso na resenha *As Onomatopeias Galiformes*, de 1995, referente à tradução brasileira de *Mil Platôs*. Há, por parte do autor da resenha, uma depreciação do estilo de filosofia apresentado nessa obra, assim caracterizada como um desfavor à filosofia. A crítica aponta que, em vez de nos explicar alguns importantes conceitos filosóficos, nos ofertando uma exegese, os autores optam por uma criação filosófica desprovida de sentido. Esse movimento sinaliza o declínio de um modo de apropriação caracterizado nas páginas do jornal pela alcunha de militante, colocando em xeque certo estilo de fazer filosofia, iniciado anos antes com *O Anti-Édipo*. Dada a complexidade das relações travadas entre o periódico *Folha de S.Paulo* e os autores Deleuze e Guattari, bem como a crescente presença dessa filosofia fora dos quadros universitários, tendo em vista o traçado de um possível horizonte de difusão de seu pensamento em nosso país se faz necessário expandir o *corpus documental* a ser analisado para além da produção acadêmica vinculada aos nomes de tais pensadores, seja em formato de livros ou artigos. Daí a relevância na perspectiva midiática dessa filosofia, uma vez que o acompanhamento da emergência e circulação dos nomes desses autores somado à percepção da política de concessão de espaços por parte desse jornal permitem-nos entrever diferentes formas de experimentação do pensamento deleuze-guattariano.

O traçado das condições de emergência do pensamento desses autores no Brasil suscita uma pergunta nuclear: a partir dessa invocação midiática e seus efeitos de circulação discursiva, quais outras forças poderiam modular essas formas singulares de apreensão desses autores no país? Tal questão sugere-nos uma hipótese central de pesquisa, a qual exploraremos na sequência: *as modulações exegéticas e ascéticas de relacionamento com essa obra filosófica francesa seriam efeitos do próprio modo singular de trabalho intelectual dos parceiros Deleuze e Guattari*.

### 3 O TRABALHO FILOSÓFIO EM SUAS MODULAÇÕES EXEGÉTICAS E ASCÉTICAS

Ao tratarmos da polarização entre modulações exegéticas e ascéticas suscitadas pelo aporte conceitual de Deleuze e Guattari, convém retomar o debate que tomou corpo no periódico *Le Magazine littéraire* em dossiê publicado sob o título *L'effect Deleuze: Philosophie, esthétique, politique*. Tivemos ali uma peleja encabeçada por dois grupos: o primeiro deles liderado por Élie During, Thomas Bénatouil e David Rabouin, cuja marca é a produção de uma leitura nada exegética da obra de Deleuze Guattari; o segundo, constituído por alguns comentaristas denominados por seus adversários de “deleuzeanos não inventivos”, então representados no dossiê por Arnaud Villani e Jean-Clet Martin. Enquanto estes optam por uma leitura aprofundada das primeiras obras de Deleuze, em detrimento daquelas escritas em parceria com Guattari, atentando para o aporte conceitual ali apresentado – sobretudo os conceitos de *multiplicidade* e *diferença* –, aqueles adotam como palavra de ordem o lema “faça o múltiplo” e proclamam: “não basta gritar ‘viva o múltiplo’, ou brandir qualquer outro conceito *pop*, pois a única coisa que conta é fazer qualquer coisa, impulsionado por um ‘de

fora””, ofertando assim ao leitor o contato com uma “real ascese da obra”, em detrimento de uma “real compreensão” (RABOUIN *apud* DOSSE, 2010, p. 413). Assim, enquanto as modulações exegéticas inclinam-se aos comentários exaustivos de conceitos e temas postos pela obra de Deleuze e/ou Guattari, tendo em vista seu rigor hermenêutico, as modulações ascéticas visam erigir, por meio da escrita, uma ambiência de estranhamento na qual o leitor é convocado a forjar conexões fora do próprio texto, assumindo uma atitude e ao mesmo tempo tornando-se modificado por meio dessa experiência.

No Brasil, observamos a emergência desse modo ascético frente à obra filosófica a partir do resgate de um caso paradigmático: um grupo de acadêmicos que na década de 1980 optou por se travestir de Gilles Deleuze no Rio de Janeiro. Em pleno verão carioca, andavam pela orla marítima com seus sobretudos e chapéus, afora suas unhas compridas, em busca de um acontecimento. Consta, de acordo com Escobar (1991, p. 7), que esse grupo era estéril “em publicações, reflexões próprias e originalidade de ideias”. Esses intelectuais, em sua maioria, eram vinculados ao campo da psicanálise, área do saber que, naquele contexto, buscava um caráter mais militante da obra de Deleuze e Guattari, em detrimento de seu aspecto acadêmico. Trata-se aqui de uma apreensão semelhante ao modo do militantismo que vimos estampados nas páginas do periódico *Folha de S.Paulo*: tendendo a certos fins, instaura-se uma forma de relação com a obra filosófica, que busca lançar o máximo de palavras de ordem possível – esses signos capazes de propiciar uma experiência de ascese.

Embora o pensamento de Deleuze e Guattari tenha ingressado em nosso país por meio dos teóricos da área de psiquiatria, interessados nas possibilidades clínicas abertas pela esquizoanálise (DOSSE, 2010; ALLIEZ, 1996), foi no campo da filosofia que se consubstanciou uma apropriação exegética de tal vertente. A irrupção dessa paisagem situa-se no alvorecer da década de 1980, quando Bento Prado Jr. publica sua aula inaugural do curso de filosofia: *Hume, Freud, Skinner (Em torno de um parágrafo de G. Deleuze)*. Deleuze começa a ser figura de referência como comentador de grandes sistemas filosóficos, já evidenciando, porém, seu modo peculiar de abordagem dos autores comentados.

Portanto, a modulação exegética frente à obra deleuzeana se efetua, primordialmente, por meio do esforço de depuração de seus escritos voltados aos pensadores da filosofia. Nessa direção, em 1990, Roberto Machado publica o livro *Deleuze e a Filosofia*, primeira obra sobre o pensamento do filósofo editada no Brasil. A essa empreitada viria se somar no ano seguinte o *Dossier Deleuze*, organizado por Carlos Escobar. Em ambas as obras, encontramos: a busca pelo afastamento dos *simulacros deleuzeanos*, uma vez que “a filosofia é criação de conceitos e tem muito pouco a ver com professores e copiadores” (ESCOBAR, 1991, p. 7), além do intento de fomentar um pensamento singular e original por meio do comentário aprofundado das obras do autor francês. Ora, os simulacros em questão parecem remeter aos intelectuais cariocas que se travestiam de Deleuze, adeptos de uma modulação ascética diante da obra filosófica. Guardadas as especificidades, uma vez que a leitura de

Escobar e a de Machado divergem sobremaneira, o que emerge nesse momento é uma crucial transformação no meio acadêmico de nosso país, conforme atenta Alliez:

Ora, é nesses mesmos anos [anos 90] que a situação começa a mudar num grande número de departamentos de filosofia, que até então haviam ignorado largamente a inventividade dos conceitos deleuzianos em função de sua irredutibilidade à história disciplinar da filosofia e à divisão semioficial do mundo filosófico em seus dois blocos analítico e fenomenológico. A irrupção de uma nova geração de jovens professores vai desencadear a transformação. (ALLIEZ, 1996, p. 202-203)

Alliez contribuiu para essa transformação, pois em 1992, com a publicação da obra *O que é a filosofia?*, última produção de Deleuze e Guattari, inaugura a coleção *Trans* pela Editora 34, tornando-se responsável pela publicação de quase todos os títulos de Deleuze que ainda não possuíam tradução em nosso país. A partir daí, contaríamos com um incremento no número de trabalhos visando a discutir o *pensamento da diferença* deleuzeano propriamente, os quais privilegiariam as obras monográficas do autor em detrimento daquelas produzidas em parceria com Guattari. Aliás, em nosso percurso investigativo evidencia-se uma predileção pelo nome de Deleuze em prejuízo do de Guattari, pois deparamos com apenas uma obra dedicada ao pensamento do psicanalista francês: o primeiro volume dos *Cadernos de Subjetividade*, publicado em 1993. Abordar tais autores de modo apartado não constitui uma impropriedade. Entretanto, a propósito de um estudo de Arnaud Villani, Deleuze lhe escreve uma carta na qual alerta:

Seria preciso corrigir a maneira como, nas primeiras páginas, você faz abstração de Félix. Seu ponto de vista está correto, e se pode falar de mim sem Félix. A questão é que *O Anti-Édipo* e *Mil Platôs* são inteiramente dele, como são inteiramente meus, seguindo dois pontos de vista possíveis. Daí a necessidade, se puder, de marcar que, se você quer se ater a mim, é em virtude de seu trabalho mesmo, e não absolutamente de um caráter secundário ou “ocasional” de Félix. (DELEUZE *apud* DOSSE, 2010, p. 412.)

Recentemente, presenciamos tentativas pontuais de resgate e valorização do nome do psicanalista francês, seja em virtude dos trabalhos de alguns autores como Alliez (2011), Genosko (2012) e Uno (2012), seja quanto à publicação de entrevistas e escritos inéditos de Guattari (2006; 2009a; 2009b). Assim, tomando os autores franceses de forma independente ou considerando-os como unidade autoral, argumentamos no sentido de que as apropriações exegéticas ou ascéticas desse legado filosófico não se apresentam de modo dicotômico ou excludente: antes, tais formas engendram-se genealogicamente.

Em nossa pesquisa defendemos que essas modulações exegéticas e ascéticas são efeito do próprio modo singular de trabalho de criação filosófica conduzido pelos parceiros franceses. Apontamos que a criação filosófica deleuze-guattariana decorre da afirmação de uma inquietude que, colocando em suspensão a ordenação dos saberes, abrir-se-ia ao campo da experimentação do pensamento. Nesse sentido, ao referir-se ao encontro com Deleuze, Guattari afirma: “Tratava-se, na origem, não tanto do compartilhamento de um saber, mas do acúmulo de nossas incertezas, e mesmo de uma certa confusão diante do rumo que tomaram os acontecimentos depois de maio de 1968” (GUATTARI *apud* DOSSE, 2010, p. 17). Em

outras palavras, poderíamos afirmar que haveria um vetor ascético no trabalho exegético, implicando-os de modo imanente.

Uma dimensão ascética remete a uma envergadura ético-política, pois demanda um trabalho de enfrentamento de si e do mundo. Parece-nos que essa questão ético-política – sobretudo voltada ao problema da potência do pensamento – é constitutiva tanto da experiência de encontro entre Deleuze e Guattari quanto da obra daí advinda. Essa condição ascética, indissociável da criação da obra, transborda e se manifesta em múltiplas variações nas apropriações e experimentações dos leitores. Destacamos particularmente dois aspectos que nos parecem cruciais para pensarmos as relações entre a criação desses autores e nosso campo de investigação educacional. O primeiro deles remete à experiência de dessubjetivação como condição desse trabalho ascético, cuja manifestação se faz por meio da problematização da autoria. A implosão do imperativo autoral não se reduz a mero procedimento filosófico; afirma-se como um gesto ético-político radical na medida em que coloca *sub judice* uma imagem de pensamento naturada acerca da correspondência entre sujeito e verdade. Deleuze formula com precisão essa experiência quando se refere ao trabalho com Guattari:

Éramos apenas dois, mas o que contava para nós era menos trabalhar juntos do que esse fato estranho de trabalhar entre os dois. Deixávamos de ser “autor”. E esse entre-os-dois remetia a outras pessoas, diferente tanto de um lado quanto do outro. O deserto crescia, mas povoando-se ainda mais. (...) Roubei Félix e espero que ele tenha feito o mesmo comigo. (...) Nessas condições, a partir do momento em que há esse tipo de multiplicidade, é política, micropolítica. (DELEUZE, 1998, p.24-25)

Tal esforço de dessubjetivação não se encerra como diluição da soberania do sujeito da razão. Nesses autores, a experiência de criar um espaço “entre-os-dois” parece constituir-se como um exercício ascético a atuar estrategicamente: desinvestir subjetividades torna-se condição para a abertura de correntes de ar que possam dar passagem às forças imanentes, sobretudo quanto aos movimentos de afecção derivados do encontro de práticas estrangeiras entre si. Forjam-se, pois, experiências de exploração de conectividades e multiplicidades. Assim, esse trabalho de dessubjetivação psicanalítica e filosófica presente nesse fazer dos parceiros franceses implica um enfrentamento ético-político tanto em relação a si quanto em relação a uma imagem de pensamento produtora da maquinaria da verdade. É nesse sentido que o trabalho ascético de dessubjetivação autoral, por colocar *sub judice* uma imagem de pensamento, manifesta-se como uma política de pensamento, tornando-se uma ação política, micropolítica.

Disso decorre um segundo aspecto para nos aproximarmos do singular trabalho conjunto dos autores: a afirmação da política da escrita como modo de ascese do pensamento. “Cada um funciona como incrustação ou citação no texto do outro, mas, passado um instante, não se sabe mais quem está citando quem. É uma escrita com variações” (DELEUZE *apud* DOSSE, 2010, P.18). A escrita, tomada antes como gesto ascético, torna-se experiência radical de dessubjetivação e daí, sua envergadura política.

Para Deleuze e Guattari (1995, p. 12), “não há diferença entre aquilo de que um livro fala e a maneira como é feito”. Tal formulação desestabiliza o clássico antagonismo entre conteúdo e forma, arruinando uma imagem de escrita como mera representação ou expressão de pensamento e afirmando a experiência do escrever como o ato mesmo de criação de pensamento. Se esse modo político de tomar a escrita implica aquele que escreve, inevitavelmente também produz efeitos naquele que lê. Tais desdobramentos se evidenciam quando os autores discutem nossos modos de relacionamento com as obras.

Não se perguntará nunca o que um livro quer dizer, significado ou significante, não se buscará nada compreender num livro, perguntar-se-á com o que ele funciona, em conexão como que ele faz ou não faz passar intensidades, em que multiplicidades ele se introduz e metamorfoseia a sua, com que corpos sem órgãos ele faz convergir o seu. Um livro existe apenas pelo fora e no fora. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 12.)

Uma vez que essa política de escrita perpetrada pelos autores recusa o imperativo do procedimento representacional na abordagem do pensamento, parece-nos que se encontra lançada, em um mesmo ímpeto político, a convocação ao leitor para um modo de pensamento refratário à prerrogativa hermenêutica. Atiça-nos Deleuze (1992, p. 16-17): “essa outra leitura é uma leitura em intensidade: algo passa ou não passa. Não há nada a explicar, nada a compreender, nada a interpretar”. Esse alerta para a questão política da intensidade da leitura em detrimento de uma visão instrumental de sua compreensão permite-nos inferir que um ato de exegese não possui valor em si, mas encontra-se implicado, de modo imanente, em uma ambiência ascética. Com isso, produz-se outro tipo de interpelação que não se rende nem à prerrogativa da subjetividade autoral, nem à decodificação do sentido como lastros para fundamentação de uma suposta verdade. Trata-se agora de fomentar uma interrogação radical sobre possibilidades de conexões impensadas, bem como de potência de seus efeitos.

Essa tomada da escrita e da leitura em uma perspectiva da imanência consubstancializa a qualidade daquilo que consideramos como uma experiência de ascese. A peculiar imagem de que um livro existe “pelo fora” e “no fora” parece sintetizar a condição ascética dos gestos de escrita e leitura, alçando-os como atos políticos. Assim, parece-nos que as modulações exegéticas e ascéticas que matizam as formas de relação com o pensamento deleuze-guattariano encontram ressonância no próprio modo de trabalho político dos autores franceses. Entrever algumas dessas modulações no campo da pesquisa educacional constitui nossa próxima etapa.

#### **4 ALGUMAS MODULAÇÕES NA PRODUÇÃO EDUCACIONAL**

Poder-se-ia afirmar que o ano de 2002 marcou o momento de guinada rumo ao pensamento da diferença deleuze-guattariano nos estudos educacionais. Naquele ano, surgiam duas publicações sob o signo do novo no campo dos estudos educacionais: o livro *Para uma Filosofia do Inferno na Educação: Nietzsche, Deleuze e outros malditos afins*, de autoria de Sandra Mara Corazza, e o *dossiê Gilles Deleuze*, publicado no periódico *Educação &*

*Realidade*, organizado também por Corazza em parceria com Tomaz Tadeu da Silva. Ambas as publicações possuem em comum certo estilo de escrita, próximo do formato ensaístico, e uma discussão pouco usual dos conceitos elaborados pela dupla francesa, evitando formular um mero comentário.

Parece-nos que, em educação, aqueles que se debruçam sobre o aporte conceitual de Deleuze e Guattari optam não por refletir sobre certos tópicos educacionais sob a ótica do pensamento deleuze-guattariano, mas experimentar. Ou seja, em vez de buscar a elaboração de exaustivos comentários e análises, procuram agenciar uma força capaz de envolver o leitor e, por meio de um embate com o pensamento deste, provocar uma espécie de curto-circuito.

O conceito de experimentação aqui utilizado remete à obra de Gilles Deleuze e Félix Guattari, implicando uma busca por certa forma de pensamento capaz de produzir a multiplicidade, criando a diferença pura que não tem lugar no mundo (DELEUZE, 2008). Portanto, trata-se de procurar um pensamento singular e ativo, portador de afecção e não reflexão. Experimentação, nesse sentido, como forma de evitar o caráter contemplativo que orientaria as pesquisas educacionais, em constante busca pela essência de um determinado problema – experimentação como invenção de outro possível.

Para dimensionarmos a amplitude dessa experimentação, convém elencar as obras afins no campo da educação. Um estudo sobre a produção educacional deleuze-guattariana no Brasil aponta que no período 2002-2013 foram publicados 22 livros, sendo os autores mais produtores: Sandra Corazza, Tomaz Tadeu da Silva e Silvio Gallo (VINCI, 2014). Há ainda as publicações ligadas aos congressos – tais como o simpósio internacional Nietzsche/Deleuze, que em 2005 teve como mote o tema *imagem, literatura, educação* - e aos seminários –, por exemplo: *Conexões Deleuze e a imagem e o pensamento e...*, *Conexões Deleuze e vida e fabulação...*, ambos de 2011, *Deleuze e arte e ciência e acontecimento...*, de 2012, bem como *Deleuze e política e resistência e...*, de 2013, todos realizados na Unicamp.

Contamos, assim, com a média de duas publicações por ano, apenas na última década, além dos capítulos independentes publicados em livros de caráter mais amplo. A produção de teses acadêmicas também tem aumentado consideravelmente. De acordo com o *Banco de Teses Capes*<sup>8</sup>, de 1987 a 2012, foram produzidos 198 trabalhos que trazem referência cruzada dos descritores Deleuze e educação; destes, 98 referem-se à Deleuze, Guattari e educação. Em relação aos artigos, no intervalo de 1990-2013, nas revistas mais impactantes do campo – estratos A1 e A2 da tabela Qualis 2013 –, foram publicados mais de 500 artigos que operam com o dispositivo conceitual de Deleuze e Guattari<sup>9</sup>.

A massa documental supracitada demanda algumas observações. Em primeiro lugar, quanto à distribuição geográfica desses estudos, percebemos que os grandes focos

<sup>8</sup>Disponível em: <http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses>. Acessado em 13 de Setembro de 2012.

irradiadores da produção deleuze-guattariana em educação estão ligados às linhas de pesquisa situadas na região sudeste (Unicamp, UERJ e UFRJ) e na região Sul (UFRGS, Unisinos etc.). Cada linha impõe um tom à pesquisa: ora mais exegético, como nos estudos voltados à discussão da sociedade de controle realizada na Unicamp, ora mais ascético, como nos trabalhos realizados pelos integrantes do projeto *Escreleituras* da UFRG. Obviamente, tal demarcação não é precisa, tratando-se de modulações que independem de divisões regionais. Ocorre que certos temas privilegiados em cada linha de pesquisa acabam ensejando maiores aproximações com uma ou outra modulação. Temáticas curriculares e relativas à infância tendem a buscar em sua escrita uma faceta mais ascética, diferentemente daquelas voltadas às discussões sobre Ensino de Filosofia e Sociedade do Controle, que optam por uma apresentação mais exegética dos conceitos. Independentemente da região e do tema abordado, um mesmo objetivo motivando esses autores: fomentar a diferença. Esse desejo comum estaria atrelado a uma busca pelo novo que, na maioria das vezes, se expressa na própria escrita.

Desse modo, o contato com essa massa documental demonstra tratar-se de uma produção significativa a qual, muitas vezes, busca uma escrita diferenciada, estilizada. Nos termos de Silva:

Deve ser uma escrita com estilo. Não que se torne literária, acho que assim perderia sua especificidade, mas que se torne mais próxima de escrita literária. A escrita educacional não é nada disso, pelo contrário, é plana, feita para as proclamações da ação, muito baseada em citações, por exemplo. De maneira geral, a escrita educacional é muito pouca inspiradora. Nossa nova tentativa é escrever diferente. Acredito que pensar diferente implica em escrever diferente. E é isso que estamos trabalhando muito em cima da escrita. (SILVA, 2004, p. 85.)

“Pensar diferente” – basta essa expressão para logo sermos remetidos a uma convocação ascética. Sim, muitos textos são de difícil acesso ao leitor usual, o qual necessita adentrar no jogo proposto pela escritura; tal jogo visa questionar aquilo que já sabemos de antemão e nos levar ao “não pensado do pensamento” (CORAZZA; SILVA, 2004, p.32). Contudo, jogar com o texto exige uma compreensão mais detalhada de certos temas e conceitos deleuze-guattarianos, importantes para propiciar ao leitor uma ambiência com o tabuleiro em que se irá jogar (SILVA, 2004). Somos, pois, remetidos a um trabalho exegético.

A análise aponta, portanto, que os estudos educacionais operam a partir de modulações exegéticas e ascéticas em relação ao pensamento de Deleuze e Guattari, não se reduzindo a uma ou outra modalidade. Essas variações entre exegese e ascese delineiam de que maneira os tópicos educacionais vêm sendo abordados no campo. Muitas vezes observamos que as produções não se limitam a uma problematização das questões educacionais, mas visam a um modo singular de enfrentamento de problemas. Nos dizeres de Silvio Gallo (2002), trata-se de propor deslocamentos. Em relação ao quê? Sandra Corazza (2002) nos ofertou uma resposta sucinta em seu livro *Para uma Filosofia do Inferno em Educação*, obra pioneira do flerte com o pensamento deleuze-guattariano no campo educacional. De acordo com a autora, seu intento:

Sem ser uma concessão ao exotismo, ao esoterismo ou à escatologia, o livro reivindica a sua enfermidade ficcional, a sua anomalia curativa, o seu estado valetudinário. Acredita que, somente por meio da loucura exaltada do pensamento, a imaginação educacional poderá traçar o seu próprio plano de imanência e criar seus personagens, enquanto a invenção conceitual instaura a sua festa. (CORAZZA, 2002, p.13.)

Ao que nos parece, o deslocamento deverá ocorrer em relação à “teoria científica, grave, séria da educação”, por meio da experimentação do inferno que atravessa esse mundo educacional, tornando-o seu ponto de alucinação: uma “arma de guerra capaz de atirar projéteis, em velocidade absoluta, contra as fortalezas da Bem-Aventura Educacional” (CORAZZA, 2002, p.12). Ao utilizar-se de um termo estratégico – experimentar – a autora parece colocar em circulação discursiva uma palavra de ordem central, que tenderá a animar as pesquisas educacionais emergentes. Assim, a convocação ao ato de experimentar buscaria fomentar certo deslocamento – seja para um pensamento da diferença, pós-nietzschiano, pós-metafísico etc. – provocando uma ruptura tanto em relação aos chamados estudos críticos quanto pós-críticos em educação.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença de Deleuze e Guattari no cenário brasileiro, particularmente nos segmentos midiático e acadêmico, sinaliza, de modo geral, uma oscilação entre uma abordagem exegética e ascética em relação ao pensamento desses autores. Essas diferentes ênfases articulam-se a dois fatores complementares: a) o contexto sociopolítico do país, que confere maior ou menor aderência a determinado tipo de abordagem, privilegiando uma inclinação exegética ou ascética; b) o campo de conhecimento que estabelece o diálogo com esse legado, oferecendo modos singulares de conversação em razão de suas próprias questões epistemológicas, tal como observado no caso da filosofia e da psicanálise, com suas demandas exegéticas e ascéticas.

Particularmente, no que tange ao campo educacional, os pesquisadores afetados pelo pensamento deleuze-guattariano, por vezes, enfatizam uma prática exegética, procedendo uma leitura atenta e rigorosa dos conceitos forjados por Deleuze e/ou Guattari, como forma de apreender os mundos possíveis que lhe comportam; outras vezes buscam pactuar uma atitude ascética, lançando palavras de ordem esotéricas, visando retirar o leitor do lugar cativo no qual se encontra, de modo a provocar modificações nas políticas de pensamento.

Os estudos educacionais parecem recusar uma posição de polarização frente à exegese ou à ascese, procurando forjar algo como uma experiência intervalar, no esforço de criação de um espaço de pensamento situado *entre* as demandas exegéticas e as convocações ascéticas, tais como caracterizadas no trabalho dos pensadores franceses. Habitar esse *entre* como forma de experimentar o pensamento deleuze-guattariano em múltiplos mundos parece-nos constituir a medula mesma do trabalho político, micropolítico, tal como sugerido pelos

autores franceses, de maneira que possamos suscitar a abertura dos estudos educacionais aos devires imperceptíveis. Recusar o trabalho reflexivo, fomentar o devir.

## REFERÊNCIAS

- ALLIEZ, Eric. Deleuze no Brasil. In: **Cadernos de Subjetividade**. São Paulo, PUC, edição especial, p. 201-203, 1996.
- ALLIEZ, Eric. **The Guattari effect**. New York: Continuum Publishing, 2011.
- BADIOU, Alain. “Da vida como nome do ser”. In: ALLIEZ, Eric (Org.). **Gilles Deleuze: uma vida filosófica**. São Paulo: Ed. 34, 2000.
- CORAZZA, Sandra. **Por um inferno em educação: Nietzsche, Deleuze e outros malditos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- CORAZZA, Sandra; SILVA, Tomaz Tadeu da. **Composições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. São Paulo: Graal, 2008.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia - volume 1**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.
- DOSSE, François. **Gilles Deleuze e Félix Guattari: biografia cruzada**. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- ESCOBAR, Carlos. Apresentação. In: ESCOBAR, Carlos (org.). **Dossier Deleuze**. Rio de Janeiro: Holon, 1991.
- GALLO, Sílvio. Em torno de uma educação menor. In: **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 27, n.02, p. 169-178, 2002.
- GANDIN, Luis; PAVARESKA, João; HYPOLITO, Álvaro Moreira. Mapeando a [complexa] produção teórica educacional – entrevista com Tomaz Tadeu da Silva. **Currículo sem Fronteiras**, n.2, n.1, pp.5-14. Jan-jun/2002. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol2iss1articles/tomaz.pdf>> Acesso em: 20 jun. 2014.
- GENOSKO, Gary. **Felix Guattari in the age of semiocapitalism**. Columbia: Columbia Univ., 2012.
- GUALANDI, Alberto. **Deleuze**. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

GUATTARI, Félix. **Chaosophy: texts and interviews 1972-1977**. Los Angeles: Semiotext, 2009a.

GUATTARI, Félix. **Soft subversions: texts and interviews 1977-1985**. Los Angeles: Semiotext, 2009b.

GUATTARI, Félix. **The Anti-OEdipus papers**. Los Angeles: Semiotext, 2006.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Pesquisas pós-críticas em educação no Brasil: esboço de um mapa. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v.34, n.122, p.283-303, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v34n122/22506.pdf>> Acesso em: 20 jun. 2014.

RAMEY, Joshua. **The hermetic Deleuze: philosophy and spiritual ordeal**. Durham: Duke Univ., 2012.

RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. Michel Foucault no Brasil: esboços de história do presente. **Verve**, São Paulo, n.19, p.93-112, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **A filosofia de Deleuze e o currículo**. Goiânia: FAV, 2004.

UNO, Kuniichi. **A gênese de um corpo desconhecido**. São Paulo: N-1, 2012.

VINCI, Christian Fernando Ribeiro Guimarães. **Deleuze-guattarinianas: experimentações educacionais com o pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1990-2013)**. 2014. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

## ANEXO A: PRINCIPAIS REPORTAGENS PUBLICADAS NA FOLHA DE S. PAULO (1976-1996)

ALLIEZ, Eric. Praias da imanência. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 3 dez. 1995. Mais!. p. 5-13.

ARNT, Ricardo. Félix Guattari, um psicanalista militante. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 25 out. 1977. Ilustrada. p. 35.

ASCHER, Nelson. Guattari vê nova desordem mundial. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 23 maio 1992. Letras. p. 4-1.

AUGUSTO, Sérgio. As onomatopéias galiformes. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 14 maio 1995. Mais!. p. 5-3.

CHAUÍ, Marilena. Singularização e autonomia. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 29 jun. 1986. Folhetim. p.2-4.

DELEUZE, Gilles. Retrato do filósofo como espectador – entrevista. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 25 fev. 1984. Ilustrada. p. 43.

DELEUZE, Gilles. Abstração Lírica. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 13 maio 1984. Folhetim. p. 9.

DELEUZE, Gilles. Gilles Deleuze se pergunta o que é filosofia. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 22 set.1990. Letras. p. H-8.

DELEUZE, Gilles. Deleuze escreve sobre Whitman. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 2 jun.1996. Mais! p. 5-8.

DERRIDA, Jacques. Terei que errar só. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 3 dez. 1995. Mais! p. 5-12.

DESCAMBS, Christian. Guattari, entre a análise e a militância. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 29 nov. 1981. Folhetim. p. 5.

ESCOBAR, Pepe. As mil planícies de Guattari In: **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 5 set. de 1982. Folhetim. p.5.

FOUCAULT, Michel. Foucault inventa uma fábula para Deleuze. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 13 de ago. 1988. Ilustrada. p. H-4.

GUATTARI, Félix. Contra os sistemas, a invenção da vida. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 5 de set. 1982. Folhetim, p. 4.

GUATTARI, Félix. Contra os sistemas, a invenção da vida. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 5 set.1982. Folhetim. p. 4.

GUATTARI, Félix. O caso Toni Negri. In: **Folha de S. Paulo**. Folhetim. São Paulo, domingo, 27 de fevereiro de 1983, p. 8-9.

GUATTARI, Félix. Fofocas e frescuras em torno da cultura. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 5 maio 1983. Opinião. p. 3.

GUATTARI, Félix. Impasse pós-moderno e transição pós-mídia. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 13 abr. 1986. Folhetim. p.1.

GUATTARI, Félix. Os novos mundos do capitalismo. **Folha de S. Paulo**. Folhetim. São Paulo, sexta-feira, 1º de abril de 1988, p. 8-10.

GUATTARI, Félix. Guattari acha que intelectuais perderam influência na política. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 8 maio de 1988. Exterior. p. A-18.

GUATTARI, Félix. Reinventar a esquerda. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 19 ago. 1990. Opinião. A-3.

GUATTARI, Félix. Filósofo Félix Guattari defende a gestão democrática dos meios de comunicação. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 24 nov. 1991. Multimídia. p. especial-1-3.

MARTON, Scarlett. Deleuze define o que é filosofia. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 28 jun. 1992. Letras. p. 6-10.

MOUTINHO, Nogueira. Mãe: de Sófocles à Freud. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 15 maio 1976. p. 17.

MOUTINHO, Nogueira. O Anti-édipo ou o fim da psicanálise. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, sábado, 3 de abril de 1976, p. 25.

PERLONGHER, Nestor. Os devires minoritários. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 1 jun. 1986. Folhetim. p.5-7.

PELBART, Peter Pal. Estratégias para o próximo milênio. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 14 jun.1996. Mais!

***Como citar este documento:***

---

VINCI, Christian Fernando Ribeiro Guimarães; RIBEIRO, Cintya Regina. Implicações midiáticas e acadêmicas nos modos de apropriação do pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari para o debate em educação no Brasil. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 17, n. 1, p. 125-141, jan./abr. 2015. ISSN 1676-2592. Disponível em:  
<<https://www.fe.unicamp.br/revistas/ged/etd/article/view/6774>>. Acesso em: 29 Abr. 2015.

---